

A MONTANHA DE SAINTE-BAUME (FR): a experiência do exílio do corpo feminino em Maria Madalena

THE MOUNT SAINTE-BAUME (FR): the experience of the female body's exile in Mary Magdalene

MORAES, ANA C. C. (1); BENINCASA, VLADIMIR. (2)

1. UNESP – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – Câmpus de Bauru. Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo. PPGARQ - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Av Eng Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Vargem Limpa - Bauru/SP - CEP 17033-360.
E-mail: ana.costa-moraes@unesp.br

2. UNESP – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – Câmpus de Bauru. Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo. PPGARQ - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Av Eng Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Vargem Limpa - Bauru/SP - CEP 17033-360.
E-mail: vladimir.benincasa@unesp.br

EIXO TEMÁTICO: 1. Paisagem Cultural: um conceito em discussão e suas tipologias - Paisagem e geografia / Paisagem e arte / Paisagem e arqueologia / Paisagem e ambiente / Paisagem e patrimônio / Paisagem urbana e paisagem cultural / Jardins históricos e paisagismo / Paisagens rurais, industriais e da mineração / Categorias de paisagem da UNESCO e sua aplicabilidade / Rotas e itinerários culturais.

RESUMO

A Montanha de Sainte-Baume é conhecida como o local onde Maria Madalena teria vivido seus últimos anos de vida após chegar às terras da Provença, Sul da França, junto a outros discípulos no contexto pós-crucificação de perseguição aos cristãos.

Maria Madalena foi uma personagem histórica, no primeiro século. Criou polêmicas sobre sua reputação enquanto mulher em obras de arte e o significado de sua presença em passagens marcantes pela proximidade a Jesus em diferentes evangelhos. Com a perseguição pelo Império romano, Maria Madalena juntamente com outros, teriam optado pelo desterro (exílio) de sua terra de origem, ao invés da prisão ou morte, embarcando em um barco à deriva, chegando na antiga Gália, atual França, para posteriormente, se dirigir à Montanha de Sainte-Baume.

Desta forma, o presente estudo visa discutir sobre a experiência do exílio do corpo feminino a partir da história, real ou não, de Maria Madalena e sua vida na Montanha de Sainte-Baume e como o caminhar (peregrinar) se perpetua na contemporaneidade enquanto prática para a afirmação do corpo em sua memória na paisagem. Trata-se de um artigo que articula análise simbólica da paisagem, hermenêutica cultural e contribuições dos estudos feministas e do caminhar enquanto prática estética e performativa.

O estudo não busca comprovar a historicidade dos fatos relacionados a Maria Madalena, mas compreender como suas narrativas históricas, mística ou mítica, se inscrevem na paisagem da Montanha de Sainte-Baume e se atualizam contemporaneamente por meio da peregrinação feminina.

Palavras-chave: Montanha Sainte-Baume; 2. corpo feminino; 3. Maria Madalena; 4. caminhar; 5. paisagem.



ABSTRACT

The Sainte-Baume Mountain is known as the place where Mary Magdalene is said to have spent her final years after arriving in Provence, in southern France, alongside other disciples during the post-crucifixion period of persecution against Christians.

Mary Magdalene was a historical figure in the first century. She sparked controversy regarding her reputation as a woman in works of art and the significance of her presence in key passages due to her closeness to Jesus in various gospels. Facing persecution by the Roman Empire, Mary Magdalene, along with others, is said to have chosen exile from her homeland rather than imprisonment or death, boarding a drifting boat that arrived in ancient Gaul (present-day France), and later making her way to the Sainte-Baume Mountains.

Thus, this study aims to discuss the experience of the female body's exile based on the story—whether real or not—of Mary Magdalene and her life on the Sainte-Baume Mountain, and how walking (pilgrimage) persists in contemporary times as a practice for affirming the body in its memory within the landscape. This article combines symbolic landscape analysis, cultural hermeneutics, and contributions from feminist studies and the practice of walking as an aesthetic and performative act.

The study does not seek to prove the historicity of the facts related to Mary Magdalene, but rather to understand how her historical, mystical, or mythical narratives are inscribed in the landscape of the Sainte-Baume Mountains and being reimagined in contemporary times through women's pilgrimages.

KEYWORDS: Sainte-Baume Mountain; 2. female figure; 3. Mary Magdalene; 4. walking; 5. landscape.



INTRODUÇÃO

Maria Madalena foi uma personagem histórica no contexto do primeiro século, tendo acompanhado Jesus juntamente com um grupo de mulheres que o financiavam e serviam.

Após a crucificação e com a perseguição dos apóstolos pelo Império romano, Maria Madalena, juntamente com outras mulheres e homens, teriam optado pelo desterro (exílio) de sua terra de origem, em vez da prisão ou morte, embarcando em um barco à deriva - sem vela, sem leme ou capitão - chegando na antiga Gália, atual França.

Leloup (2014) baseado na tradição dos santos e santas da Provença narra como Maria Madalena teria chegado em terras francesas:

> Míriam de Magdala (Maria Madalena), Maria Salomé, Maria Jacobina, Lázaro, Marta, Sidônio (o cego de nascença curado por Jesus), Máximo (um dos 72 discípulos) e alguns outros que fugiam da perseguição aos judeus ocorrida no ano 44 da nossa era, teriam embarcado em um navio sem outro capitão além do Espírito Santo ou aquilo que mais tarde chamaremos "a divina providência" […] As tradições por vezes divergem ou complementam-se. De todo modo, elas parecem estar de acordo quando dizem que este navio entregue aos caprichos do vento e ao Sopro do Espírito chegará às costas da Provence; alguns dirão: "chegará a estes lugares pantanosos" que hoje em dia chamamos de Les-Saintes-Maries-de-la-Mer (Leloup, 2014, p. 21).

Roniger (2011, p. 31) aponta para alguns conceitos de exílio como "uma lógica de exclusão e deslocamento de cidadãos e residentes para fora do território e das esferas públicas de um Estado". Mas, que "desde tempos imemoriais, o exílio se converteu em uma metáfora da condição humana", como a exemplo da expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden ou outros autores cujas aclamadas obras foram produtos de sua experiência de exílio. Ainda sobre a condição de exilado, Roniger (2011, p. 34) diz abarcar "não só o deslocamento e o translado, mas também, e principalmente, a alienação, a marginalização, a fratura de um projeto de vida, a perda do controle sobre o próprio destino do desterrado":

> Em uma definição francesa, fala-se de "distanciamento afetivo ou moral, uma separação que provoca que o ser humano afetado perca sua conexão com um lugar ao qual se achava vinculado". Estas definições dão conta não só do ato físico de desterro, mas também do componente espiritual de perda, ampliando assim as dimensões afetadas pelo exílio político. Em dicionários em português revela que estes também incluem esse elemento vivencial e espiritual, ao mencionar o significado da expulsão do lar ("expelir da casa"), o corte das relações sociais ("afastar da convivência social") e a recolocação em um "desagradável lugar" para viver ("lugar desagradável de habitar") (Roniger, 2011, p. 37-38).

Amy Kaminsky *apud* Roniger (2011, p. 38) assinala a estreita relação do exílio com o espaço e com o movimento no espaço, uma experiência mediada pelo idioma, enquanto destaca a coerção que o desterro desencadeia. "O exílio como o estou usando neste caso é, como o nomadismo, errante [...] o cruzamento de fronteiras, um processo de movimento e mudança[1] e não unicamente um deslocamento para além de uma fronteira (embora também seja isso)".

[1] Fedele (2013, p. 6) descreve essa mudança do processo de exílio do corpo como peregrinação, que nomeia um tipo de *rito de passagem,* onde o grupo de mulheres estudado relata viver mudanças e transformações no caminho. As iniciações, ou ritos de passagem, existiram e existem em muitas culturas, antigas e contemporâneas, primitivas ou urbanas, acompanhando as mudanças de idade, lugar, estado ou posição social. Faur (2020, p. 107) nos conta sobre o que são os ritos de passagem e como essa expressão foi adotada por antropólogos e escritores para definir todos os rituais e cerimônias que propiciam a passagem de uma pessoa para uma nova forma de vida ou um novo status social, marcadamente em sociedades ditas primitivas.



Ao investigar a iconografia de Maria Madalena e sua chegada na Provença, muitas revelam sua condição de exilada, tanto pela sua natureza selvagem, por ter sido retratada inúmeras vezes com longos cabelos e seios à mostra (ou nua) em ambientes “hostis” como a floresta, a caverna, como também com o manto vermelho e seu corpo isolado, quando é sabido que sua família Lázaro, Marta e outras Marias (Jacobé e Salomé) estavam no barco, como na pintura abaixo:



Figura 1 - Afresco Giotto. Maximino, Lázaro e família chegam a Marselha. Século XIII. Capela de Madalena. Basílica de São Francisco. Assis, Itália. Fonte: Tommaso, Wilma. Maria Madalena: História, tradição e lendas – São Paulo: Paulus, 2020.

Leloup (2014) ressalta que para a tradição oral e para os textos antigos que fazem eco à oralidade, Maria Madalena é realmente um “apóstolo”, a primeira testemunha da ressurreição, encontrando vestígios da tradição oral no século XII d. C., quando Jacques Voragine escreve a primeira hagiografia, conhecida como “Legenda Áurea” ou “Lenda dourada”. Após a chegada do grupo que teria acompanhado Maria Madalena, até o sul da França, ela foi à Marselha para anunciar o evangelho e posteriormente, teria se dirigido à gruta para viver até seus últimos dias, passando por lugares selvagens que chamam hoje de Montanha de Sainte-Baume. Porém, sua associação a outras Deusas femininas e culturas que foram “silenciadas e exiladas”, parece inevitável:

> […] o sítio da montanha de Sainte-Baume não necessita de escavações arqueológicas para ser considerado um templo em homenagem à Deusa Mãe. Sua própria topologia, sua floresta, suas grutas e suas fontes fazem dela um “templo natural” onde, muito antes de Maria Madalena, as pessoas ali iam para se recolher e pedir à terra e ao céu que intercedessem a favor de sua fecundidade (Leloup, 2014, p. 51).





Figura 2 – Maciço de Sainte-Baume *(vista superior)* mostrando seus contornos rochosos e esguio como na pintura, onde uma mulher de manto vermelho "deita" sobre ele. Fonte: Google Earth website. Acesso em: 25 Mai. 2025.

Essa aproximação da natureza selvagem (floresta) e Maria Madalena se faz presente em muitas das obras literárias e pictóricas que a retrataram, rendendo-lhe títulos como "a penitente", "a pecadora arrependida", entre outros. Como citado por Leloup, quando faz um jogo de palavras intraduzível entre as palavras *paiën* (pagão) e *paysan* (camponês):

> Às vezes, Pedro, André e Levi referiam-se a Míriam como "a pagã". Ela não conhecia exatamente o significado desta palavra, mas sentia a reprovação e a condenação em suas vozes. Será que pagão não queria simplesmente dizer "camponês"? Os pagãos são camponeses, homens e mulheres próximos da terra que adoram a Vida, sob suas formas mais fortes e mais óbvias: o sol, a chuva, o vento… o ar, a água, o fogo, a terra, os quatro elementos, como uma melodia feita a quatro mãos, através da qual era moldado e formado tudo aquilo que existe (Leloup, 2014, p. 53).

Porém, sabendo da reprovação e condenação em relação a ela, não seria estranho pensar que Maria Madalena teria sido exilada e não o contrário. O exílio se constituiu de maneira simbólica e física ao longo de séculos: na figura da pagã, pecadora, penitente, prostituta, culpada, digna de expiação, "na carne luminosa e pútrida" e na ocultação de documentos e narrativas divergentes dos oficiais da igreja católica romana, onde sua importância e contribuição foi, praticamente, anulada.

As peregrinações de mulheres brasileiras a cidades francesas como Saint-Maximin-la-Sainte-Baume e à Montanha de Sainte-Baume começaram a refletir uma tendência notável de busca por narrativas alternativas ou complementares sobre Maria Madalena. A descoberta de manuscritos coptas enterrados no Alto Egito, de textos históricos (gnósticos) do século III d.C, incluindo o Evangelho de Maria: Myriam de Magdala, assim como a escrita de romances e fabulações sobre Maria Madalena, mobilizou muitos questionamentos das visões retratadas do feminino em tradições estabelecidas como a Católica Apostólica Romana e Católica Ortodoxa, inclusive em obras arquitetônicas e artísticas nas cidades históricas francesas que possuem o culto a Maria Madalena.

As narrativas alternativas, gnósticas ou apócrifas, frequentemente divulgadas por meio de redes sociais, grupos espirituais e até agências de turismo especializadas, buscam resgatar a figura de Madalena para além das interpretações tradicionais, muitas vezes focando em seu papel como apóstola, líder, consorte/contraparte feminina de Jesus, ou mesmo, símbolo de empoderamento feminino.

A peregrinação é analisada como prática performativa do caminhar, entendida simultaneamente como experiência estética, ritual e política, por meio da qual o corpo feminino contemporâneo atualiza a memória de Maria Madalena na paisagem. O estudo não busca comprovar a veracidade histórica dos relatos, mas compreender como esses imaginários operam na construção simbólica do lugar e na experiência sensível do corpo em exílio e travessia.

A mulher como símbolo de errância

No que concerne a estreita relação do exílio do corpo feminino com a paisagem e seu atravessamento chegamos às práticas *nômades, errantes*, que se aproxima do termo *peregrinus* que, em latim, indicava uma realidade jurídica e não uma ação religiosa, ou seja, a pessoa que está *fora dos limites* da sua comunidade. "É no quarto século que esta prática se intensifica entre os cristãos e passa a figurar no cenário religioso. A palavra recebe um valor semântico para indicar a viagem cuja intenção é visitar um lugar onde viveu algum santo" (Santi, 2005, p. 34).



Enquanto Spaccarelli (2006) aponta para uma ideologia de peregrinação como igualdade radical de gênero e classes sociais, Scherff (2023) afirma que existe uma peregrinação baseada no modelo de gênero, quando examina a construção histórica e social da lenda de Santa Helena e como essa narrativa e imagens foram usadas pelas mulheres, a partir do século IV d. C, para negociar demandas sociais e religiosas conflitantes, ao decidirem sair em peregrinação.

Isso quer dizer que, as mulheres tinham motivos “de gênero” para o exílio do corpo, normalmente por não se adequarem às funções sociais (domésticas) ou relacionadas à fertilidade.

Para Scherff (2023, p. 339), “a categorização da peregrinação como performance[2] estabelecida, revela que não apenas a peregrinação é performática, mas pode ser uma performance de gênero, [...] as peregrinas também viajavam por motivos específicos de gênero”.

A abordagem do peregrinar enquanto performance (Scherff, 2023) se aproxima do modo de caminhar de forma singular, sugerido como experiência estética (Careri, 2013), para a apreensão do território e da paisagem, mesmo que seja possível identificá-lo, simultaneamente, como experiência mística, ritual e ato de devoção.

Em relação às peregrinações de mulheres na contemporaneidade, podemos verificar uma crescente motivação às visitas de lugares históricos e culturais ligados ao sagrado na Montanha de Sainte-Baume, no sul da França e a experiência do exílio do corpo feminino em Maria Madalena.

Tommaso (2020, p.201) diz que o *corpo madalênico* é apresentado pelo “contraste entre sedução e repulsa, objeto de dor e de desejo, exibido e escondido, presente e ausente, fonte de dor e de doçura na materialidade própria de sua carne luminosa e pútrida capaz de encarnar ainda hoje a fé da humanidade em um renascimento possível”.

Desta forma, a errância do corpo feminino não seria somente a capacidade de caminhar e percorrer territórios, mas sim, dos desvios de “errante”, aquele que erra ou desvia o caminho, etimologia de pecado que "tropeça", "pisa em falso", "comete um erro", “simplesmente por ser um corpo feminino” e se põe a vagar sem rumo pelas estradas da vida, seja por motivos individuais ou pela marginalidade social imposta ao seu corpo que mesmo exilado ou “errante”, guarda a responsabilidade do “vir a ser” ou do “renascer” do mundo.

Estar exilada ou localizada na montanha sugeriria a dissolução do corpo na paisagem, a perda de memória e consequentemente, seu esquecimento? Ou, o exílio nos “lançaria ao alto” para conhecer o mundo por meio do corpo e o corpo estar no meio do mundo?

Maria Madalena como símbolo de empoderamento feminino contemporâneo e corpo que resiste ao exílio, pertence ao imaginário coletivo feminino e continua a despertar interesse nas mulheres através de imagens, pinturas, esculturas, arquitetura e paisagens que a retrataram em suas multifaces ao longo de 20 séculos. Porém, é improvável que uma única obra – qualquer que ela seja – possa abranger, de maneira exaustiva e satisfatória, todas as suas facetas.

Sua condição de exilada é, antes de tudo, o exílio do corpo feminino incapaz de ser capturado em sua humanidade, porém pelas próprias histórias e narrativas são capazes de criar mundos e também de estar nele:

[2] Laura Weigert identifica a teoria da performance como método cooperativo de avaliar o comportamento humano e o ritual, classificando a performance em três subseções. Primeiro, a performance é fixa e delineada por começo e fim. Segundo, uma performance é organizada e demonstrada por um humano ou por um grupo de humanos que exibem ou exemplificam uma identidade pessoal ou social. Terceiro, a performance é uma operação ou método de atribuir significado a um evento, objeto ou atividade. De acordo com esses princípios, a peregrinação se encaixa nos parâmetros de uma performance. Ou seja, o "tempo de evento" da peregrinação é fixo. Não se pode realizar uma peregrinação indefinidamente. A peregrinação começa e é então concluída (Weigert *apud* Scherff, 2023, p.350 - tradução nossa).



> “[...] o engendramento da história, as relações que se estabelecem, as descrições que são feitas de toda a cena nos capturam. Um personagem não é apenas o suporte da escrita, assim como nós também não somos apenas “sujeitos” de nossas vidas. Os *personagens produzem mundos* que, ao mesmo tempo, são mundos possíveis para nós que não vivemos nele, e nossos próprios mundos, na medida em que nos reconhecemos neles. É neste duplo reconhecimento que podemos ser afetados pelas narrativas. Por outro lado, construir um personagem é, ao mesmo tempo, *construir um conceito*, *atualizar uma existência*, *em última instância, é a própria construção de um sentido na história.* O conceito é construído como parte integrante do sentido geral que toda narrativa carrega; ocorre também a *atualização de uma existência* na medida em que podemos sempre nos colocar no lugar do personagem e, desta maneira, é sempre possível reconstruir o sentido de uma narrativa, de traçar uma nova história, mesmo que tenhamos *traçado um mesmo caminho repetidas vezes* (Monteiro, 2011, p. 193, grifo nosso).

Atravessar e subir: a experiência sensível da paisagem

Solnit (2016, p. 23) sugere que “a travessia a pé parece facilitar a travessia do tempo. E, a travessia de uma paisagem ecoa ou estimula a travessia de uma série de pensamentos, o que produz uma estranha harmonia entre as travessias interna e externa.”

Quais as travessias, realmente, estamos fazendo nesse momento? A mente é também uma espécie de paisagem e precisamos percorrê-la. Liberações, desígnios, pensamentos, experiências, partidas ou chegadas. O exílio, nesse caso voluntário, parece contribuir com o retorno do tornar-se “corpo feminino” no mundo.

Ao visitar a Montanha de Sainte-Baume, muitas relataram sentir uma transformação interior e uma “presença da energia feminina de Maria Madalena” em toda a floresta e não somente na gruta, onde ainda existe um santuário em sua dedicação administrado pelos dominicanos desde o ano 1295 d.C.

Na travessia da floresta e subida até o topo do maciço de Sainte-Baume é possível caminhar por, pelo menos uma hora, e se defrontar com situações inusitadas e diversas permitindo-se ao imprevisível. Porque é isso que torna “o caminhar ambíguo e infinitamente fértil: é tanto um meio quanto um fim, trajeto e destino” (Solnit, 2016, p. 24).





Foto 3. Vista do topo do maciço de Sainte-Baume. Foto 4. Vista de frente do maciço de Sainte Baume, onde existe a Gruta da Misericórdia de Maria Madalena na rocha. Fonte: Imagens das peregrinas brasileiras feitas durante as visitas à Montanha de Sainte-Baume, cedidas para a autora em entrevistas realizadas (2025).

Leloup (2014) a descreve, em sua diversidade e beleza, alegando que "durante muito tempo, as autoridades religiosas concederam as permissões requeridas aos boticários da região para virem colher suas ervas e com elas preparar unguentos, opiáceos e panaceias". A floresta, com sua flora e fauna esplendorosas, incitava os peregrinos a percorrerem seus caminhos:

> Em nenhum outro lugar da Provence a natureza fará esses teixos crescerem, e isso lhe valeu o cognome de *bos de Santo-Baumo*, devido a um crescimento quase desesperador que recompensa sua longevidade. Justamente temida pelo seu veneno e sua sombra demasiado nocivos, mas procurada para a confecção de arcos, essa árvore é bela em todas as estações, assim como o seu compadre, o azevinho, dois famosos *simpervirens* que o inverno açoita sem conseguir tirar o verdor. Essa característica peculiar, essa bela cor lustrosa do verde mais escuro, incitava os peregrinos de uma outra época a colher dois raminhos, que o hábito recomendava serem colocados na aba do chapéu. O modesto buquê recebeu o nome de "libré da Sainte-Baume", um sinal que é como um hábito que distingue as crianças de uma mesma família, reunidas sob o estandarte de Santa Maria Madalena. Elos sem fim confundem os limites entre o mundo encantado da floresta, o espiritual e o sagrado (Leloup, 2014, p. 63).

Roger (2014) cita montanha de Sainte-Baume nos escritos sobre a "artealização" da Paisagem, alegando que a Paisagem "não é imanente nem transcendente e sim humana e artística" (Roger, 2014, p. 14). Também afirma que sua fé é na "Gaia Ciência", e nos deixa uma reflexão:

> Há lugares que despertam a alma do seu letargo, lugares envoltos, banhados de mistérios, escolhidos desde toda a eternidade para serem a residência da emoção religiosa. A estreita pradaria de Lourdes, entre um rochedo e o seu torrente rápido; a praia melancólica de onde as Saintes-Maries nos orientam para a Sainte-Baume" (Roger, 2014, p. 25).

Assunto (2013, p. 126) estabelece critérios conceituais para falar de Território, Ambiente e Paisagem, no qual entende-se Território como, "uma extensão mais ou menos vasta da superfície terrestre, delimitada por divisões geofísicas (montes, rios), diferenças linguísticas, político-administrativas que podem coincidir com os limites geofísicos e linguísticos ou ignorá-los".

Enquanto Ambiente, "tem dois significados, um biológico, que se refere às condições de vida física favorecidas e um histórico-cultural" (Assunto, 2013, p. 127). A Paisagem como "forma" que o ambiente confere ao território, também "matéria" de que ele se serve:

> O ambiente concreto, o ambiente que vivemos e do qual vivemos vivendo nele, é sempre o ambiente como forma de um território: paisagem. Não será, portanto, ousado supor que tal como o conceito de "ambiente" inclui em si o de "território", também o conceito de "paisagem" inclui em si o de "ambiente"; então, a realidade que devemos estudar e sobre a qual, se necessário, devemos intervir é sempre a "paisagem", e não o "ambiente" e muito menos o "território" (Assunto, 2013, p.129).

Besse (2014), discorre sobre a experiências de Paisagem, contribuindo com as cincos possíveis "entradas" (portas) nessa questão:

> [...] a paisagem é considerada como uma representação cultural (principalmente informada pela pintura), como um território produzido pelas sociedades na sua



> história, como um complexo sistêmico articulando os elementos naturais e culturais numa totalidade objetiva, como um espaço de experiências sensíveis arredias às diversas formas possíveis de objetivação, e como, enfim, um local ou um contexto de projeto. (Besse, 2014, p. 12)

Porém, a travessia (peregrinação) aqui descrita opera através de uma experiência sensível de Paisagem. Como Besse (2014) diz ser um “espaço de experiências sensíveis arredias às diversas formas possíveis de objetivação”.

O conceito de *escape* (Lyotard, 1990) sugere que a experiência sensível da paisagem causaria uma “ruptura e desamparo do pensamento” diante de algo que não se consegue domesticar ou sintetizar.

Esse deslocamento e inversão da palavra l*andscape* para *scapeland* marca o acontecimento que desestabiliza o "eu". A estética do sublime diz que o pensamento é exilado de sua própria lógica de controle e "desterritorializado" pela presença bruta do que é inabitável, enquanto, o corpo é o receptor dessa "presença" que o intelecto não traduz:

> [...] um boca-a-boca com o longínquo. É dizer pouco: o longínquo entrando na intimidade, como um infinito feito de ar. E as paredes caídas, não nos sentimos inchar. A loucura “sistemática”, a vesania; que vê todos os objetos de maneira diferente e que está deslocada, fora do sensorium comum requisitado pela unidade da vida (animal), em direção a um ponto muito afastado (daí o termo *alienação*), como acontece com uma paisagem montanhosa [...] a DESORIENTAÇÃO seria a condição da paisagem (Lyotard, 1990, p. 183).

Do Scapeland à Gruta da Misericórdia e a Gruta dos Ovos

“O rosto não, mas a FACE é uma paisagem, paisagens” (Lyotard, 1990, p. 185). A condição de estar diante de uma presença sem representação, um estado de passividade radical onde o tempo da consciência é interrompido pelo "agora" da sensação produz o “escape do espírito”, a experiência-acontecimento onde o observador perde a noção de lugar, de conforto e do reconhecido.

Scapeland é um espaço de fuga, onde o "espírito se desloca de uma matéria sensível para outra". A paisagem é apresentada como a prova da existência de um "fora", uma realidade material que o ser humano não domina totalmente. Por isso, o espírito lyotardiano é atravessado pelo acontecimento do escape como uma condição de abertura para o impensável:

> [...] haveria uma paisagem cada vez que o espírito se deslocasse de uma matéria sensível para outra, conservando nesta última a organização sensorial conveniente ou, pelo menos, a sua lembrança (Lyotard, 1990, p. 183).

Maria Madalena vive o "desamparo", que Lyotard descreve como necessário para o contato com o sublime. O exílio do corpo feminino na montanha força o encontro e a fusão com a matéria bruta (a floresta, a pedra, o vento, a luz), que é radicalmente silenciosa. Esse silêncio é "inumano", não pode ser traduzido em palavras, identificado como a resistência da presença frente à representação.

A resistência da presença frente à representação acontece quando ela permanece, e mesmo diante da difamação, mulheres peregrinam e perpetuam suas memórias sob outras perspectivas, através da ruptura dos títulos que lhe renderam o exílio do corpo, considerando novas experiências em suas narrativas.

Ao despirem-se das narrativas que o mundo impõe ao corpo feminino, a peregrina permite que Maria Madalena deixe de ser uma "personagem social" para se tornar, como Lyotard propõe, um acontecimento puramente sensível.

A Montanha de Sainte-Baume, enquanto local e matéria que permite a experiência de paisagem, se torna um “continente de narrativas e memórias”, por ser cada vez mais procurada por mulheres peregrinas interessadas em reconhecer sua materialidade e apreender as marcas do feminino no território.

A Gruta de Misericórdia é o local onde, se diz que, Maria Madalena teria vivido seus últimos 30 anos e faz parte da Montanha de Sainte-Baume administrada pela ordem dos dominicanos, enquanto a Gruta dos Ovos, na mesma montanha, se mantém como um destino de "peregrinação pagã", por se tratar de um local onde são feitos rituais para a fertilidade. Algumas peregrinas[3] de Madalena relataram:

"A caminhada até a gruta é uma experiência em si, passando por uma floresta considerada sagrada desde os tempos druidas. A vista do topo é magnífica. Nesse local, era possível acender velas às crianças não nascidas." – Veruska, peregrina de Madalena

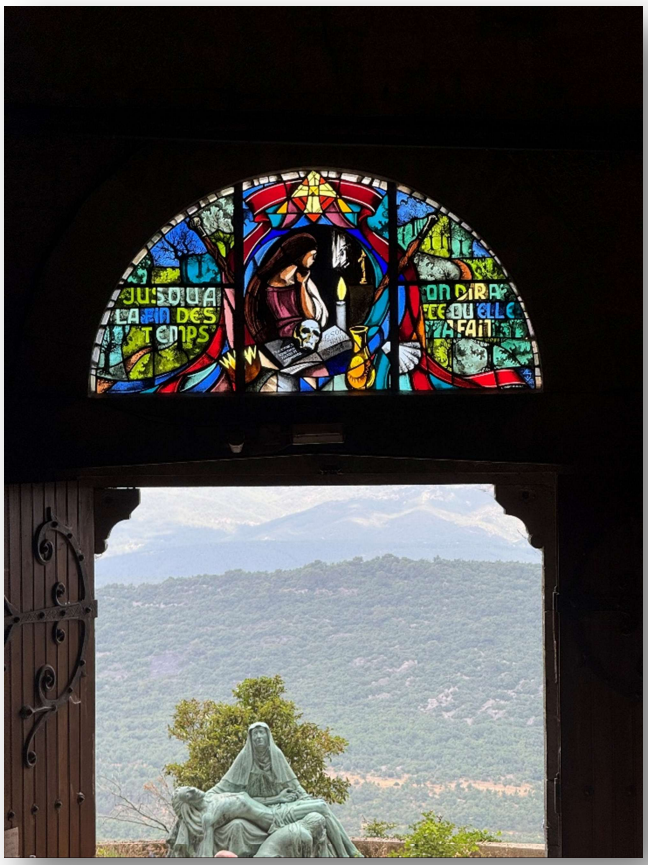


Foto 5. Vista interna da porta da Gruta da Misericórdia com vitral de Maria Madalena e o crânio, onde se pode ver também uma escultura "Pietá" no terraço e a floresta que faz parte da Montanha de Sainte-Baume. Fonte: Da autora, imagens cedidas por peregrinas (2025).

Em contraste, com a experiência da morte e as crianças não-nascidas que recebem destino na Gruta da Misericórdia (como "útero" de retorno), a Gruta dos Ovos recebe a intenção do *aprofundamento* nos ciclos de vida-morte-renascimento, numa formação rochosa que lembra o órgão feminino para os ciclos de fertilidade.

[3] Designei como peregrina de Madalena, mulheres brasileiras condutoras de grupos ou participantes que responderam aos questionários com perguntas abertas ou deram entrevistas ao longo do ano de 2024 e 2025, preservando sua nomeação completa nos fragmentos cedidos. Estas viajaram nos últimos 5 anos para cidades francesas relacionadas aos Caminhos de Maria Madalena, na França.

“Fazer a floresta e chegar até a capela de Madalena tem sua demarcação/ trilha própria. Agora, achar a Caverna dos Ovos é um Caminho Iniciático. Muitos tentam, mas nem sempre é possível. Está floresta adentro. Aí já diz tudo.” – Simone, peregrina de Madalena.



Foto 6. Entrada da Gruta dos Ovos. Fonte: Da autora, imagens cedidas por peregrinas (2025).

Por fim, podemos perceber que a experiência da Paisagem é invisível como o *Sentir (*Straus*,* 2016*).* O sujeito participa nela através do corpo e sentidos. No ato de perceber, eu interrompo a corrente permanente do sentir para objetivar e tornar algo representável e reprodutível.

“Cada mulher sente de uma forma diferente. Para mim, foi além da expectativa. Não esperava tantas fortes emoções. Simplesmente as sensações vêm." – Lilian, peregrina de Madalena.

A paisagem é o que resta quando o pensamento lógico falha; o *escape* do espírito para habitar na *presença* da matéria bruta. *O exílio, deslocamento ou ruptura* que o pensamento não traduz ou alcança.

“A floresta é um espelho d’água. Reflete nosso interior. Ali, nos confrontamos com tudo, medo, fobias, loucura, entrega e confiança. É como o labirinto da vida, fala sobre nosso caminho, o percurso que nos desvela." – Simone, peregrina de Madalena.



Considerações finais

A Montanha de Sainte-Baume se traduz enquanto paisagem cultural associada à narrativa de Maria Madalena e à experiência do exílio do corpo feminino, atualizada pela prática contemporânea da peregrinação.

A experiência do caminhar (peregrinar) resulta em uma multiplicidade de desdobramentos conceituais, assim como na perpetuação de histórias e narrativas que se atualizam na medida em que são informadas pelo contexto do lugar e de quem os visita.

O lugar, como a Montanha de Sainte-Baume, se afirma como continente dessas histórias e memórias, à medida em que são mais procurados por mulheres peregrinas interessadas em reconhecer em sua materialidade as marcas do feminino. O parâmetro social implica, diretamente, na preservação do patrimônio cultural e paisagístico.

A paisagem como "portadora de identidades" reflete essa experiência acumulada, transmissível e coletiva. A memória (e seu correlato o esquecimento) é imprescindível à experiência. Sua marca principal é a capacidade de *dar sentido e narrar,* após ser assimilada como lembrança.

A paisagem como *sentir* (Straus,2016*)* e *escape do espírito* (Lyotard, 1990) nos revela um aprofundamento na experiência sensível na paisagem, capaz de romper representações e estigmas históricos atribuídos ao corpo feminino (Maria Madalena).

A Paisagem e a peregrina, neste caso, fazem parte de uma mesma unidade de compreensão. A Paisagem "é sempre, por essência, uma expressão humana, um discurso, uma imagem, seja ela individual ou coletiva, seja ela encarnada numa tela, em papel ou no solo." (Besse, 2014, p. 14).

"Sainte Baume… a Montanha Sagrada. É um encantamento. É mágico. É transformador." – Regina, peregrina de Madalena.



REFERÊNCIAS

ASSUNTO, R. Paisagem – Ambiente – Território. In: SERRÃO, **A. Filosofia da Paisagem.** Uma antologia. 2ª edição. Revista Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2013. p. 125-136.

BARBA, Helena. **Madalena:** história e Mito. Lisboa: Ésquilo, 2008.

BERQUE, A. **O pensamento paisageiro.** Uma aproximação mesológica. In: SERRÃO, A. Filosofia da Paisagem. Uma antologia. 2ª edição. Revista Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2013. p. 200-213.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo:** exercícios de paisagem. Tradução de Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

CARERI, Francesco. **Walkscapes.** O Caminhar como prática estética. Trad. Frederico Bonaldo. Ed. Gustavo Gili. 2013.

CASACUBERTA, D; Mapes de paisatges emocionals. In: BRETCHA. G; LOSANTOS. A; Joan NOGUÉ, J; PUIGBERT, L. **Reptes en la cartografia del paisatge:** dinàmiques territorials i valors intangibles. Olot: Observatori del Paisatge de Catalunya, 2013, p. 168-189.

FAUR, M. **O legado da Deusa** - Ritos de passagem para mulheres. 3ª ed. Atualizada. São Paulo – Editora Alfabeto – 2020.

FEDELE, Anna. **From Christian religion to feminist spirituality:** Mary Magdalene pilgrimages to La Sainte-Baume, France',Culture and Religion,10:3,243 — 261. DOI: 10.1080/14755610903279663 Acesso em: 25 mai. 2024.

FEDELE, A. **Looking for Mary Magdalene:** alternative pilgrimage and ritual creativity at catholic shrines in France. Oxford Ritual Studies, 1ª edição. 2012.

GINZBURG, C. **O fio e os rastros.** Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LELOUP, Jean-Yves. **Maria Madalena na montanha de Sainte-Baume.** A vida de uma mulher eremita, selvagem e angelical. Tradução de Karin Andrea de Guise. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. LYOTARD, Jean-François. **O inumano**: considerações sobre o tempo. Tradução de Ana Bela Ribeiro e Silva. Lisboa: Estampa, 1990. (Coleção Campo da Filosofia).

MONTEIRO, A. C. L. **Corpo-narrativa:** considerações a partir de um corpo que dança. Pesquisas e Práticas Psicossociais 6(2), São João del-Rei, agosto/dezembro 2011. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume6_n2/Monteiro.pdf Acesso em: 10 setembro 2024.

POULET, Régis. **A geopoética ou como abrir um mundo.** Tradução de Camila Gomes Sant'Anna e Lirandina Gomes. Salvador: Instituto Internacional de Geopoética, 2022.

RIBEIRO, Daniel Melo. **Limiares da cartografia:** uma leitura semiótica de mapeamentos alternativos. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. 341 p.

RICOEUR, P. **Arquitectura y narratividad**. p. 9-29. In: Arquitectonics: mind, land & society arquitectura y hermenéutica. n 04, 2003.

ROGER, Alain. **Breve tratado del Paisaje.** Título original: Court traité du paysage, Éditiones Gallimard, Tradução de Maysi Veuthey, Edicão de Javier Maderuelo, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 2014. p. 235.

RONIGER, Luis. **Reflexões sobre o exílio como tema de investigação**: Avanços teóricos e desafios. In: Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX. Org. Samantha Viz Quadrat. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 31-64.



SANTI, C. Aspetti degli itinerari religiosi nel mondo classico. In: AAVV. **I pellegrinaggi nell'età tardoantica e Medievale:** Atti del Convegno Ferentino 6-8 Dicembre 1999. Roma: Tipografia Neri Claudio, 2005, p. 30-56.

SCHERFF, Katharine. **"Walking with Helena:** An Examination of a Gendered Model for Women and Medieval Pilgrimage in Northern Spain." Peregrinations: Journal of Medieval Art and Architecture 8, 4 (2023): 331-384. Disponível em: https://digital.kenyon.edu/perejournal/vol8/iss4/7 . Acesso em: 16 Abr. 2024.

SCHÜSSLER-FIORENZA, E. **En Mémoire d'Elle:** Essai de reconstruction des origins chrétiennes selon la théologie féministe. Paris: Éditions du Cerf, 1986.

SOLNIT, Rebecca. **A História do caminhar.** Tradução Maria do Carmo Zanini – São Paulo: Martins Fontes, 2016.

SPACCARELLI, Thomaz. **Ideologia da Peregrinação**. Sewanee: Universidade do Sul Revista de Filología Románica. 2006, anejo IV, 119-127. Disponível em: https://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/view/RFRM0606220119A Acesso em: 25 mar. 2024.

STRAUS, Erwin. **Da diferença entre o sentir e o perceber.** Tradução de Vladimir Bartalini. In: BARTALINI, Vladimir (org. e trad.). Paisagem textos 3. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), 2016. p. 50-70. (Texto correspondente ao Capítulo 7 de: STRAUS, Erwin. Le sens des sens: contribution à l'étude des fondements de la psychologie. Grenoble: Jérôme Millon, 2000. Original de 1935).

TOMMASO, Wilma. **Maria Madalena:** História, tradição e lendas – São Paulo: Paulus, 2020.

WHITE, Kenneth. **O grande campo da geopoética.** Tradução de Márcia Marques-Rambourg. [S. l.]: Instituto Internacional de Geopoética, 2023.